

SEMINÁRIO INTERNACIONAL MICHEL FOUCAULT -
PERSPECTIVAS
21 a 24 de setembro de 2004
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
FLORIANOPOLIS, SC
O ESTÁDIO DE FUTEBOL
COMO ESPAÇO DISCIPLINAR

Christopher GAFFNEY

Bacharel em Filosofia, Doutorando em Geografia

University of Texas at Austin

Estados Unidos da América

Gilmar MASCARENHAS

Professor Adjunto - Departamento de Geografia

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Brasil

Resumo: O estádio moderno nasce no final do século XIX, e se difunde mundialmente no século seguinte, como um equipamento que se generaliza por praticamente todas as cidades. Este artigo pretende refletir sobre o estádio como espaço disciplinar. A partir de Foucault, podemos pensar este equipamento urbano como lugar onde à festa lúdica se impõe um conjunto crescente de normas de controle, vigilância, policiamento e panoptismo. Examinamos um processo de mudança na arquitetura, ordenamento espacial e formas aceitáveis de comportamento social, não somente dentro dos estádios, mas como um processo mais geral.

Palavras-chaves: estádio – espaço disciplinar – panoptismo.

Abstract: The modern stadium emerged at the end of the nineteenth century diffused worldwide in the first decades of the twentieth century and became a generalized feature of modern cities. This article examines the stadium

as a disciplinary space. Following Foucault, we consider stadiums as places where ludic festivals are controlled in conjunction with an increase in social control, vigilance, policing and panoptic mechanisms. We examine the increasingly disciplinary nature of the stadium by looking at changes in architecture, spatial arrangements, acceptable social behaviors, not only within the stadiums, but in society at large.

Key-words: stadium – disciplinary space – panopticon.

Introdução

Uma actividade relativamente antiga dos filhos afortunados do "establishment" britânico tornou-se universal. Aí temos, pois, em todos os continentes, do Rio de Janeiro a Dakar, de Melbourn a Hamburg, as grandes corolas dos estádios, levantadas para multidões de trinta a cento e vinte mil espectadores nos arredores das metrópoles.

(Armand Frémont, 1980:139-140).

O Brasil é reconhecido no exterior como a super-potência futebolística, pátria de Pelé e dos maiores estádios¹. Objetos geográficos estrategicamente disseminados por governos do regime ditatorial pelas cidades de médio e grande porte, como verdadeiros monumentos que celebram o prestígio e o poder deste jogo. Objetos duradouros (fixos de elevado investimento material), dotados de centralidade e cuja imensa visibilidade contrasta com a sua injustificada ausência nos estudos urbanísticos (Canter, 1989:20-21).

O objetivo deste trabalho é justamente refletir sobre estas gigantescas arenas modernas, expressão material mais visível da magnitude e ubiquidade que o futebol alcançou no transcorrer século XX, e seu significado cambiante. Nosso

¹ Segundo a FIFA, o Brasil possuía cinco dos dez maiores estádios do mundo em 1990 (Murray, 1994: 193). Em 1978, sua participação era ainda mais significativa, apresentando sete estádios neste seleto grupo (Mason, 1995:64), o que muito bem reflete o "boom" de construção de estádios gigantes, patrocinado pelo regime político instalado em 1964.

propósito é realizar uma primeira investigação acerca das transformações que vêm se operando nestes espaços coletivos. Durante muito tempo, os estádios foram apropriados como espaços de expressão cultural, lugar da festa, no sentido que lhe emprega Henri Lefebvre (1991). Nas últimas duas décadas, um conjunto progressivo de intervenções diversas, na arquitetura e nos regulamentos de uso, vem promovendo um aumento significativo do controle sobre os corpos, ritos e manifestações coletivas.

Neste sentido, os estádios vêm se tornando espaços cada vez mais disciplinares, num processo que pretendemos analisar através de algumas das mais ricas proposições teórico-metodológicas de Michel Foucault, relacionadas ao nível molecular do exercício do poder, no plano dos corpos, dos gestos e da distribuição dos indivíduos no interior de espaços institucionais (FOUCAULT, 1982). Pretendemos, ainda que introdutoriamente, pensar os estádios no conjunto mais amplo dos espaços disciplinares da vida cotidiana, como a escola, o hospital, a prisão.

O presente artigo se divide em duas partes. Na primeira, buscando familiarizar o leitor com um objeto de estudo muito raro no meio acadêmico, tentaremos expor um panorama histórico da gênese e evolução dos estádios. Na segunda parte, trataremos de apresentar as mudanças em curso, interpretando-as, no afã de uma leitura foucaultiana, como estratégia de crescente implantação de técnicas de controle e disciplina, uma “análise descendente”, avaliando o prolongamento do poder instituído para dentro dos estádios, seus impactos na nova configuração, cultura e uso desses espaços.

I - Gênese e evolução dos estádios

Você já entrou, alguma vez, em um estádio vazio? Experimente. Pare no meio do campo e escute. Não há nada menos vazio que um estádio vazio. Não há nada menos mudo que as arquibancadas sem ninguém.

(Eduardo Galeano, 1995:20)

Estádios são memória acumulada, vivida coletivamente. Gigantescos templos de concreto, nos quais Freud já havia detectado uma dimensão “sagrada”. O formato “circular” das grandes arenas nos evocaria o eterno retorno dos tempos, exercício facilmente associado ao ciclo das temporadas esportivas. Meca de cânticos profanos, ao ingressar neste recinto o indivíduo vivencia a suspensão do tempo externo (Morris, 1981).

Esta evocação do estádio como espaço potencialmente sagrado é recorrente na literatura esportiva. O belo livro de Morris (1981) trata o estádio de futebol como “templo”, onde o cenário cumpre papel fundamental, pois até mesmo os grandes refletores, quando posicionados no alto de elevadas estruturas, podem ser comparados com primitivas formas totêmicas. São espaços de expressão do poder, concentração do poder e de uma dada forma de realização do poder.

O geógrafo John Bale (1994) aplicou princípios da topofilia para estudar a experiência humana no interior de grandes estádios e demais equipamentos esportivos. Acompanhar um evento esportivo dentro de um estádio lotado e vibrante em seus cânticos de incentivo ou desafio pode ser uma vivência única. Os estádios são assim portadores de memória e importantes conotações simbólicas, conforme percebeu Costa (1987), que definiu-os como “novos espaços institucionais” capazes de mobilizar uma nação inteira e cada indivíduo a seu modo. O autor, estudando os estádios de futebol em Portugal, chega a sugerir que estes cumprem papel de espaço efêmero de comunhão da coletividade, semelhante ao exercido pela igreja nas pequenas vilas de outrora. Podemos enquadrá-lo, de certa forma, num conjunto mais amplo de espaços institucionais da era moderna, como a escola, o hospital e presídio, cujas arquitetura, táticas de controle e anatomia política Foucault esmiuçou.

Para ocupar este lugar na experiência coletiva e individual, o estádio descreveu ao longo dos séculos uma peculiar trajetória na civilização ocidental. Sua origem remonta à Antiga Grécia e ao Império Romano. Roma abriga o Coliseu, monumental estrutura com capacidade para 50 mil espectadores, espaço central na reprodução social da pujante capital de um vasto império. Os rituais

públicos que ali se realizavam regularmente consistiam no momento festivo oferecido pelos governantes às massas. Ainda hoje podemos constatar vestígios de estádios e estruturas similares nas diversas cidades que foram conquistadas ou criadas pelo Império Romano. Ao associarmos seu porte colossal e localização privilegiada à carnificina e punições aos rebeldes ali realizadas, podemos tomar o Coliseu como um verdadeiro espaço de concentração, expressão e exercício do poder.

Com o declínio do império e a conformação do medievo, as cidades perderam sua força, e os estádios, enquanto momento ritualizado da vida social, desapareceram. Todavia, atividades lúdicas e eventualmente competitivas se realizam, como precursoras dos esportes modernos (Guttman, 1978; Dunning & SHEARD, 1979).

Na segunda metade do século XVIII, torna-se habitual nos colégios ingleses a prática de jogos viris (que freqüentemente exigem mais empenho muscular que propriamente habilidades mais nobres como destreza e equilíbrio), extraídos e reelaborados pelos jovens a partir dos suptacitados jogos da tradição popular, como o *folk football*. A elite agora iniciava-se em práticas esportivas diferentes daquelas consideradas próprias da nobreza, tais como a esgrima, a equitação, o golfe, a caça, o arco, o salto etc. (DUNNING & SHEARD, 1979:1 -3).

Em 1830, a educação física encontra-se plenamente inserida nas *public schools* inglesas, na busca do corpo disciplinado e são. Com ela, o incentivo oficial à prática de jogos populares que, submetidos a uma crescente regulamentação, resultará na “invenção” de diversas modalidades esportivas de ampla aceitação mundial posterior, como o futebol, o rugby e o cricket. Entre 1820 e 1870, as escolas públicas inglesas funcionaram como laboratórios de invenção dos esportes modernos (AUGUSTIN, 1995:20).

No século XIX os ingleses chegaram a dominar $\frac{1}{4}$ do planeta, o que ajuda a explicar o sucesso dos *sports* em sua difusão pelo mundo. Com a profissionalização, movida por agentes privados, atentos à lucratividade de espetáculos esportivos, surgem os grandes estádios da era moderna.

A ritualização do espetáculo esportivo, ingrediente da modernidade urbana, não é apenas destinado às elites. A partir de 1880, o futebol inglês e o baseball nos EUA cumprem papel de oferecer diversão de massa aos trabalhadores, na forma de gigantescos estádios. Em 1888, uma multidão compareceu ao duelo de baseball entre as equipes de New York e Pittsburgh, e muitos tiveram de ficar do lado de fora, outros tantos amontoados à beira do campo, contornando-o como uma cerca humana. Segundo Barth (1980:148), aquela multidão vibrante *experienced in the ball park the quintessence of urban leisure: watching others do things*. Para o autor, um estudioso da cultura urbana que emerge nas grandes cidades do século XIX, a formação de grandes platéias nos estádios é um dado que transcende o universo específico dos esportes. Faz parte da estratégia dominante de reprodução social, do controle sobre o tempo livre do trabalhador. A festa recriada, para o ambiente urbano-industrial. Veremos na segunda parte deste artigo, como, nos marcos excludentes de uma sociedade pós-industrial, o estádio se liberta deste papel na reprodução social, para ingressar na esfera do consumo elitizado de um espetáculo.

É no contexto da *Belle Époque*, ou da modernidade urbana (MASCARENHAS, 1999), que este processo econômico-social, gerador de estádios, adquire efetividade². Pouco mais tarde, no âmbito dos governos nazi-fascistas, quando os esportes simbolizam vigor nacionalista e capacidade de realização de uma raça, os estádios se multiplicam pelas cidades. Mussolini disseminou pela Itália seus estádios “comunales”, estruturas neoclássicas padronizadas, símbolos do novo regime e da herança poderosa do velho império.

No Brasil, o poder público começa, a partir da decretação do Estado Novo (1937), a construir grandes estádios de futebol, uma vez que este esporte é elevado à condição de símbolos da brasilidade e da integração nacional. O Pacaembu, inaugurado em 1940, exemplifica bem este momento. Dez anos depois, surge o Maracanã, primeiro estádio do mundo a superar a capacidade de 150 mil espectadores do Circo Máximo, de Roma imperial. Mais tarde, o regime

² Um marco deste processo é a criação do estádio de Wembley, em Londres, em 1923, com capacidade para 120 mil espectadores.

militar (sobretudo entre 1968 e 1980) se encarregará de difundir estádios superdimensionados por todas as capitais do país.

Contando com amplas arenas, excessiva cobertura midiática e subsídio governamental, o futebol durante décadas atraiu público numeroso no Brasil, tornando-se uma das principais diversões populares. Nos estádios, freqüentemente lotados, o povo desenvolveu rituais próprios, carnavalescos, ruidosos e coloridos, um cenário de festa ritualizada (Bromberger, 2001) que, no Brasil, nos últimos anos, vem se submetendo ao crescente enquadramento, conforme discutiremos no próximo segmento.

II – Uma nova anatomia política nos estádios

Após uma trajetória de constante expansão, em números e porte físico, os estádios em escala mundial vêm apresentando, nos últimos vinte anos, significativa redução de sua capacidade. A introdução de grandes patrocinadores e o advento da receita proveniente das transmissões dos jogos (outrora gratuitas) modificou radicalmente a economia do futebol, na qual os ingressos nos estádios deixaram de ser a principal fonte de rendimentos dos clubes e federações. Estádios lotados tornaram-se portanto muito menos necessários, não apenas pelo advento das novas fontes de receita, mas sobretudo por colocar em risco a própria qualidade do produto que se quer vender: os conflitos entre torcedores e a ameaça que estes podem representar à própria integridade física dos jogadores, tornados valiosos astros milionários na nova economia do futebol.

A Inglaterra pode ser considerada o paradigma fundador deste processo de mudança no futebol e seus estádios. Tendo consolidado o profissionalismo ainda no final do século XIX, os ingleses dispunham de um numeroso conjunto de estádios antigos, a maioria construída logo após a Primeira Guerra Mundial. Tais estádios, de porte modesto e inseridos em zonas urbanas adensadas (por sua antigüidade), tornaram-se equipamentos obsoletos na nova ordem empresarial do futebol. Em um de seus livros, o jovem e famoso escritor inglês Nick Hornby relata

sua experiência própria num destes estádios, marcante e reveladora da uma certa “cultura do futebol”, hoje obsoleta:

“Quando fiz quinze anos (...) já não podia, se queria manter alguma auto-estima, adiar minha transferência do Cercado dos Colegiais para o Lado Norte, (...) onde ficavam os torcedores mais eloqüentes do Arsenal. Vinha planejando esta estréia cuidadosamente (...) Os ritos de passagem (...) todas as coisas que supostamente deveriam me transformar – o primeiro beijo, a perda da virgindade, o primeiro drinque, as primeiras drogas – pareceram simplesmente *acontecer*. (...mas...) O momento em que atravessei a catraca do Lado Norte é o único em que recordo de ter conscientemente agarrado um touro pelos chifres. (...) Depois do pânico inicial, comecei a amar aquela movimentação, o jeito como eu era lançado em direção ao campo e depois sugado novamente. (Hornby, 2000:74).

Tal experiência típica, vivida no final dos anos 1970, já não pode se repetir. Desde o acidente ocorrido no estádio de Hillsborough (95 mortos, em 1989), culminando uma seqüência de outras catástrofes ocorridas não apenas em estádios ingleses, o governo britânico decidiu pela reforma radical de suas tradicionais e românticas arenas, seguindo as proposições do polêmico *Relatório Taylor* (LEMOINE, 1998; HORNBY, 2000). Todos os lugares nos estádios deveriam doravante possuir cadeiras, impondo aos espectadores uma atitude inteiramente diferente, condicionada, vigiada, cerceando seus movimentos individuais e coletivos. Novamente recorremos a Hornby (p.75-76), para descrever esta nova era nos estádios :

Portanto, é claro que é triste: as torcidas de futebol talvez ainda seja capazes de criar um novo ambiente que seja eletrizante, mas jamais poderão recriar o antigo, que exigia vastos números e um contexto no qual esses números pudessem se unir num único e imenso corpo

reagente.(...) Os grandes clubes parecem ter se cansado de suas torcidas, e sob certo aspecto, quem pode culpá-los? (...) as famílias de classe média – o novo público alvo – não só irão se comportar bem, como pagar muito mais para fazê-lo.

O corpo coletivo reagente, barulhento, vibrante e ameaçador, de que nos fala Hornby, foi aprisionado, não pode sobreviver no moderno “all-seated stadium”. Cada pessoa no seu lugar, imóvel, e cada lugar ocupado por uma pessoa, espaço congelado. Um ordenamento espacial novo que “permite ao mesmo tempo a caracterização do indivíduo como indivíduo, e a colocação em ordem de uma multiplicidade dada. Ele é a condição primeira para o controle e o uso de um conjunto de elementos distintos: a base para uma microfísica de um poder que poderíamos chamar ‘celular’ (Foucault, 1993:136). Talvez poderíamos falar de espectadores-células, massa atomizada, mais cliente que torcedor, cada vez mais controlado por medidas do economia, polícia, e a manipulação do espaço dentro os estádios. Como asseguram Gaffney e Bale (2003), o construção do espaço do estádio efetua profundamente a jeito em que os assistentes sintam e relacionam-se com o espetáculo. Um cenário de baixo nível de interação entre as pessoas, bem distante do ambiente festivo e bem menos previsível, cultuado por Hornby.

Este modelo aprisionante de estádio vem se difundindo pelo mundo. No final dos anos noventa, a FIFA impôs normas severas para jogos internacionais, incluindo esta: todos sentados, nada de carnaval, passeatas e movimentos afins. Os clubes aceitam, pois os novos consumidores, além de muito mais “comportados” (não interferem no andamento do jogo), aportam mais dinheiro nas bilheterias e consomem passivamente produtos dentro do estádio.

No Brasil, tais medidas vêm sendo adotadas paulatinamente. O Estatuto do Torcedor, implementado em 2003, prevê punição severa para transgressores: estes podem ser banidos do estádios por longa temporada. No plano da arquitetura interna, muitos de nossos estádios possuem um setor popular, junto ao campo de jogo, onde os torcedores podem, a preços módicos (além de ficar

em pé, expostos ao sol e à chuva, e com uma perspectiva precária dos movimentos gerais da partida), freqüentar com regularidade. Ali o espectador é participante: seus gritos chegam aos ouvidos dos que estão em campo, bem como os objetos eventualmente arremessados. Há uma interlocução intensa, a mesma dos pequenos estádios de outrora, algo banido das grandes arenas modernas, que muito distanciam fisicamente o torcedor do jogador.

No Maracanã, este setor se chama “geral”, e nas poucas vezes em que se permite atualmente o acesso, se restringe demasiadamente a área. Alega-se ser o foco de baderneiros, das classes perigosas que destoam da nova ordem. Pode-se afirmar portanto que a lendária *geral* do Maracanã não existe mais. Sobrevive apenas pelo interesse da televisão, que ali encontra pobres indivíduos dispostos a qualquer fantasia ou atitude bizarra para merecer alguns segundos na tela. Alimentam pois o espetáculo televisivo, gratuitamente, retratando de forma humilhante e estereotipada isto que chamam de “povo”.

Neste início de 2004, o Beira-Rio, principal estádio de Porto Alegre, um dos maiores do Brasil, fechou definitivamente sua “geral”, localmente denominada “coréia” (uma alusão ao precário compartimento do navio destinado ao segmento inferior da tripulação). A imprensa local se resumiu a noticiar o fato como mal necessário, e o “fim do romantismo no futebol gaúcho”.

Uma nova cultura do futebol, que Giulianotti (2002) define como a do *pós-torcedor* (o espectador pós-moderno, com mais dinheiro e menos identificação e paixão pelo clube, mero consumidor do espetáculo), se expande mundialmente. Os estádios reduzem sua capacidade e elevam o preço dos ingressos. Uma nova forma de exclusão, tal como outrora foram excluídos desses espaços os negros e outros segmentos marginalizados da modernidade.

Na contra-mão da cultura popular, o Brasil celebra seus novos estádios como paradigmas de modernidade. Sob as ruínas impiedosas do velho e simpático estádio Joaquim Américo (de 1924), a cidade de Curitiba erigiu há cinco anos a Arena da Baixada, mais um símbolo de seu *citymarketing*, de sua imagem de cidade progressista e ordeira. Um estádio confortável, elitizado, com restaurante, lojas e amplo estacionamento, concebido dentro dos padrões

vigentes, onde o estádio é um espaço de consumo. Igualmente, a cidade industrial fluminense de Volta Redonda inaugurou no início deste ano de 2004 o Estádio da Cidadania, também destruindo seu antecessor. Símbolo da capacidade empreendedora local, o novo estádio prima pela vigilância: são 40 câmeras, 14 móveis e 26 fixas (em pontos estratégicos) para controlar todos os movimentos do torcedor.

Na Europa, como forma de controlar o *hooliganismo*, o esquema de vigilância dos estádios se estende pela cidade, controlando fluxos externos de torcedores. O rosto de cada indivíduo é escaneado e rapidamente identificado por uma base de dados informatizada. Quando há transgressão dos limites impostos pelo Estado, pelo aparato policial, ou pelo ordenamento espacial (por exemplo um invasão do campo o setor rival), os limites são re-estabelecidos, com força de arma, incrementando a vigilância e trazendo mudanças arquitetônicas.

No interior do estádio, o panoptismo se realiza hoje de forma intensa e hierarquizada. Os diversos ângulos das câmeras captam qualquer movimento dos atletas, mesmo quando não estão participando da jogada. O mesmo com a comissão técnica e árbitros. Mídia e torcedores dominam toda a cena. O policiamento, por sua vez, domina o comportamento do torcedor. Mesmo os profissionais da imprensa têm seu espaço e tempo específicos de atuação, controlados pelo sistema de segurança. Em síntese, o evento esportivo adquiriu alto grau de previsibilidade, submetido a inúmeras regras, um concerto de gestos eficientes, um verdadeiro espaço disciplinar.

Considerações finais

Os estádios vêm sofrendo mudanças significativas. O sentido da festa, do encontro, da obra (no sentido *lefebvreano*), de um lugar e momento únicos, dotados de linguagem peculiar, produzidos espontaneamente por uma cultura popular, vem se esvaindo. O novo estádio perdeu muito de suas singularidades coletiva e historicamente construídas. O lugar perdeu sua alma, diria o geógrafo Yi-fu Tuan. O

contrato com a televisão estabelece uma rigidez de movimentos, tempos e espaços. O novo estádio se assemelha a outros espaços padronizados e previsíveis da vida social: um shopping center, um teatro, uma sala de estar, reinos do individualismo e da passividade, que interessam ao capitalismo, que se inscrevem numa generalizada microfísica do poder.

As mudanças em curso são presididas pela formulação de novos saberes e discursos, pois não há exercício de poder sem a constituição de um saber. Toda uma ciência de manejo conciso de multidões foi acionada e aprimorada. Algo considerado “natural”, “necessário” e benfazejo, não apenas para o senso comum, mas para autores como David Canter (1989). Antes se podia ingressar no estádio horas antes do início do jogo, e ali igualmente permanecer por mais tempo após o fim da partida. Hoje estes tempos estão controlados e encurtados, nos marcos do controle preciso dos movimentos das multidões. Reduziu o tempo e também o espaço: estádios menores e bem menores possibilidades de livre movimentação e manifestação em seu interior.

Por fim, acreditamos que esta nova ordem, esta nova anatomia política dos estádios, não se disseminará completamente. Tampouco será acatada plenamente pelos usuários dos estádios. Há o torcedor contestador e as torcidas organizadas, com potencialidade de contraposição às estratégias de controle, gerando constantes conflitos com a nova ordem constituída. E sobretudo persistem os pequenos e/ou velhos estádios, aqueles onde o circuito milionário do futebol não circula. Pertencem a um outro circuito, marginal, mais informal, onde a arquitetura e o ordenamento espacial são bem mais flexíveis. Onde a tradicional cultura do futebol pode se realizar, com sua linguagem própria, sua interlocução intensa entre o torcedor participante e os que estão em campo de jogo. São estádios que ainda expressam uma cultura regional, que interagem com o lugar onde estão inseridos. Uma outra geografia.

Não pretendemos neste ter ido além de umas reflexões iniciais, cujo mérito principal estaria em propor os estádios de futebol como objeto de

reflexão foucaultiana, a partir da geografia. E como disse certa vez Foucault, “a geografia deve estar bem no centro das coisas que me ocupo” (Foucault, 1982:165).

Bibliografia citada

- AUGUSTIN, Jean-Pierre. *Sport, Géographie et Aménagement*. Bordeaux: Édition Nathan, 1995.
- BALE, John. *Landscapes of Modern Sports*. Leicester: Leicester University Press (UK), 1994.
- BARTH, Gunther. *City People: the rise of modern city culture in nineteenth century America*. Oxford: Oxford University Press, 1980.
- BROMBERGER, Christian. El hinchismo como espectáculo total: una puesta en escena codificada y paródica. *Lecturas: Revista Digital - Buenos Aires - Año 7 - N° 36 - Mayo de 2001*.
- CANTER, David. *Football in its place: an environmental psychology of football grounds*. London: Routledge, 1989.
- COSTA, A. da Silva. *Football et mythe: la fonction symbolique du football a travers le presse sportive de masse*. PhD Thesis, Univ. Catholique de Louvain, 1987.
- DUKE, Vic. The drive to modernization and the supermarket imperative: who needs a new football stadium? In: GIULIANOTTI, R. e WILLIAMS, J.(orgs.) *Game without frontiers: football, identity and modernity*. Adershot: Arena, Brookfield: Ashgate, 1994, pp/129-152.
- DUNNING, Eric, SHEARD, K. *Barbarians, Gentlemen and Players*. Oxford: Martin Robertson, 1979.
- FOUCAULT, Michel *Vigiar e Punir*. Editions Gallimard. Petropolis, Rio de Janeiro. 1975.
- _____. *Microfísica do Poder*. Portinho Cavalcanti Editora. Rio de Janeiro. 1982.
- FRÉMONT, Armand. *A região, espaço vivido*. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

- GAFFNEY, Christopher e BALE, John. *The stadium experience*. In: Bale and Vertinsky (eds.). *Sites of Sport: Place, Space and Experience*. Frank Cass, London. 2003.
- GAFFNEY, Christopher e GUTTERMAN, Tulio. *Boca y River. Amor, muerte y aventura en la ciudad de fútbol*. Revista digital efdeportes.com, Abril 2002.
- GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- GUTTMANN, Allen. *Games and Empires: modern sports and cultural imperialism*. N. York: Columbia University Press. 1994, 275 p.
- HORNBY, Nick. *Febre de bola: a vida de um torcedor*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. (trad. de Paulo Reis).
- LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo, Editora Moraes, 1991.
- LEMOINE, Bertrand. *Les estades en gloire*. Paris: Gallimard, 1998.
- MASCARENHAS, Gilmar. *Construindo a Cidade Moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC (Fundação Getúlio Vargas). Número 23, pp, 17-39, junho de 1999.
- MASON, Tony. *Passion of the people? Football in South America*. London: Verso, 1995.
- MORRIS, D. *The Soccer Tribe*. London: Cape, 1981.
- MURRAY, Bill. *Football: a history of the world game*. Aldershot Hants: Scolar Press, 1994.